

Visões de alumbramento

Com ensaios impregnados de lirismo, Marília Garcia convoca músicos, cineastas e artistas para pensar sobre o que faz a poesia

Aparecida Vilaça

Marília Garcia. *Pensar com as mãos*. WMF Martins Fontes • 256 pp • R\$ 64,90

Nesta coletânea de ensaios, composta a partir do convite de Joca Reiners Terron e Diogo Medeiros para a coleção Errar Melhor, a poeta, tradutora e artista Marília Garcia oferece mais uma vez o olhar original que caracteriza seus poemas, agora em textos que, embora com teor analítico, são impregnados de lirismo e ritmo.

Dividido em 39 capítulos curtos — muitos deles reescrita de ensaios produzidos ao longo de dez anos para revistas, jornais e sites, além de textos inéditos —, a coletânea discorre sobre temas relacionados à poesia e à produção de textos. Permeada por perguntas que caracterizam a poesia da autora, a leitura traz um sopro de ar fresco, como se estivéssemos diante do olhar de uma criança para o mundo das letras: o que é um poema? Como usar palavras tão batidas como “coração”, “estrelas” e “flores”? É preciso fazer uma faxina nas metáforas gastas? Como incorporar palavras inventadas?

O capítulo inicial, inédito, trata justamente de começos. Como dar início a um poema? E se quisermos começar pelo meio? Como levar o leitor a imaginar um passado sem escrevê-lo? Dentre os muitos exemplos, inspirados por autores como Haroldo de Campos, Drummond e Anna Akhmatova, Garcia nos traz uma anedota de Paul McCartney acerca de sua engenhosa técnica de composição: ao finalizar a letra de uma música, passa a segunda parte para o início, fazendo com que a canção comece com o ritmo e o movimento de uma história em andamento: “Don’t let me down”.

A autora conta que a poesia chegou a ela como som. Quando era criança, sua mãe ligou por engano para um número e foi atendida por uma secretária eletrônica que recitava um poema de Drummond em gravação do próprio poeta. As ligações, compartilhadas por mãe e filha, tornaram-se mensais, quando descobriam que a cada mês o recado era trocado e podia-se ouvir um novo poema do mesmo autor, até que o disco inteiro tivesse sido tocado. Mas foi mais tarde, nos recitais que se seguiram à publicação de seu primeiro livro, *20 poemas para o seu walkman*



A poeta carioca Marília Garcia

(Cosac Naify, 2007), sentindo-se insatisfeita com o modo como soavam, que compreendeu melhor a relação entre poesia e som. A partir daí, desde o processo de escrita de *Câmera lenta* (Companhia das Letras, 2017), passou a testar o som dos poemas antes de publicá-los, modificando-os após leituras públicas.

Chorão

Devo dizer que a autora também chegou a mim pelo som, em um evento da revista *Serrote*, em 2019, no IMS Paulista. Não a conhecia, de modo que não prestei muita atenção naquela moça pequena de cabelos enrolados sentada ao meu lado na primeira fila. Quando foi chamada ao palco e leu uma das primeiras versões de *Expedição nebulosa* (Companhia das Letras, 2023), experimentei fisicamente o sentido da palavra “chorão”, inventada por sua filha, Rosa, ao saber da morte da avó: o coração batendo forte e a vontade de chorar.

Nunca tinha escutado alguém falar de luto, perda e saudade de modo tão contundente e, ao mesmo tempo, delicado. Quando ela voltou à plateia, surpreendi-a (e a mim) perguntando se podia abraçá-la. Tornei-me leitora e ouvinte apaixonada e, após a leitura deste *Pensar com as mãos*, constato que a sua expressão nos ensaios não causa menos impacto do que na poesia.

Não estou sugerindo que a coletânea gire em torno de sua própria obra, pois a lista de autores elencados para a discussão de cada tema é de uma extensão impressionante, incluindo músicos, cineastas e artistas plásticos, que se misturam no estilo poroso de seus poemas. Entretanto, como disse Bruna Beber ao entrevistar Garcia para o podcast *451 MHz*, a presença da autora é nítida em cada um dos textos.

É como se estivéssemos
diante do olhar de uma
criança para o mundo das
letras: o que é um poema?

Beber observa ainda que os ensaios deixam “espaços para respirar”. Entendo que se refere ao fato de que os textos intercalam questões estilísticas com experiências pessoais, além de imagens e exemplos de outros autores, que permitem uma compreensão clara das questões analisadas. Se o pensamento teórico for atravessado pelo ritmo e pela lírica da poesia, deixa de ser teoria?

O título é inspirado no poema *História(s) do cinema* (Círculo de Poemas, 2022), de Jean-Luc Godard, no qual

cita *Penser avec les mains*, do teórico suíço Denis de Rougemont, que diz: “a verdadeira condição humana é a de pensar com as mãos”. Garcia dá outra vez um exemplo concreto de sua experiência. Foi através do movimento de suas mãos que descobriu a obra da poeta portuguesa Adília Lopes, ao ser solicitada a digitar os poemas desta autora para a composição de uma antologia a ser publicada pela primeira vez no Brasil. Um deles expressa claramente o tema do livro: “Escrever um poema/ é como apanhar um peixe/ com as mãos”.

Pensar com as mãos me leva a um terreno com o qual tenho mais intimidade, as ciências sociais, cujos autores há muito falam do aprendizado pelo corpo. Um dos mais conhecidos, Pierre Bourdieu, usou o conceito de *habitus* de Marcel Mauss para desenvolver suas ideias sobre o fato de os princípios culturais e o pensamento serem objetivados por meio das ações cotidianas, ou seja, do corpo.

Sabemos que muitos povos ameríndios dizem pensar literalmente com o corpo e, alguns deles, particularmente com as mãos. É o caso dos Huni Kuin, povo do Acre que entende que cada pessoa tem diversas almas, situadas em partes diferentes do corpo. Uma delas é a alma das mãos, responsável pelas capacidades manuais, desde a confecção de cestos e a destreza com o arco até a escrita.

“É bom morar no azul”, o belíssimo capítulo que encerra a coletânea, é composto de microensaios sobre as representações textuais e visuais da lua, da Terra vista de lá e dos passos dos primeiros astronautas, que de tão desajeitados fazem a autora pensar nos primeiros passos oscilantes de uma criança. Para sobrevivermos ao caos que se instaura no nosso planeta azul, é preciso continuar a sonhar e imaginar, diz, entremeando as suas palavras com as de seu amigo poeta e artista Victor Heringer:

Neste momento em que estamos indo para a cucuia [...] só nos resta vestir esses óculos do alumbramento bandeiriano para poder olhar uma chuvarada, mas enxergar a nostálgica São Paulo da garoa. Ou olhar uma torre de transmissão e enxergar estrelas.